

# ESTUDO DE CAMPO DO RESTAURANTE UNIVERSITÁRIO: O RESTAURANTE É OU SE TORNA UM ESPAÇO DE SOCIALIZAÇÃO?

Wagner Dumont Carver Asao Cruz<sup>1</sup>

## Resumo

O trabalho realizado durante a matéria de Práticas de Ciências e Humanidades, busca analisar as interações sociais que se desenvolvem dentro do campo do Restaurante Universitário da Universidade Federal do ABC. A partir das anotações feitas em caderno, sobre os horários, datas, frequência e entrevistas, relacionadas à alimentação no local e a análise sobre comportamento através do material bibliográfico, foi possível buscar entender sob qual forma ocorre a ocupação do espaço delimitado aqui neste estudo. A forma como a origem dos indivíduos de várias realidades diferentes influencia nas dinâmicas que são desenvolvidas dentro do território é uma rica fonte de informações para nos ajudar a entender a realidade de um local tão comum e simples a princípio, mas que carrega várias possíveis interpretações.

**Palavras-chave:** restaurante universitário, ocupação do espaço, análise de comportamento, socialização.

## Abstract

The present work seeks to analyse the social interactions whose developed inside of the Universitarian Restaurant of the Federal University of ABC. Starting from the notes taken in the notebook about schedules, dates, frequency, and interviews, related to alimentation habits in locus and the analysis about behavior with the bibliographic material made it possible to understand the ways of the occupation of the space limited in this work can occur. The interaction and manners of the individual from several realities changes the dynamics developed inside the area is a rich source of information that helps the understanding about the reality of a place so common and simple, but that carries many kinds of possible interpretation. "

**Keywords:** university restaurant, space occupation, behaviour analysis, socialization.

---

<sup>1</sup> Universidade Federal do ABC. E-mail: wagnerasao@gmail.com.

## **Introdução**

Durante a disciplina de Práticas em Ciências e Humanidades na Universidade Federal do ABC (UFABC) realizamos a elaboração de vários relatos etnográficos. Para isso realizamos discussões sobre os campos que poderíamos estudar para realizar a etnografia em si. Por fim a escolha pelo Restaurante Universitário do campus de São Bernardo do Campo, na UFABC, foi feita pois permitia explorar algumas questões baseadas na busca de compreender mais profundamente as realidades individuais e coletivas daqueles com quem compartilho esse espaço de alimentação diariamente, durante os almoços e jantares.

A partir da realidade e da trajetória individual que cada indivíduo carrega, ocorre a concepção de diversas dinâmicas quando estas convergem nos espaços coletivos. De forma simultânea, portanto, ocorrem várias formas de interação no espaço do restaurante a partir de cada indivíduo ou grupo que transformam o espaço universitário em um ambiente de socialização. Os horários que cada pessoa opta por se alimentar, a condição financeira atual, a escolha por estar só ou acompanhada de suas amigas, o perfil de refeição que a pessoa escolhe ter a partir do ritmo de vida que adota são todas situações que compõem o panorama de uma realidade tão diversa como essa que existe na UFABC, que é reflexo de uma mudança que vem desde a redemocratização nos anos 1990, quando o ensino superior deixa de ser um ambiente para uma minoria elitizada e passa a receber indivíduos de outras classes sociais.

Esse pensamento sobre o contexto político foi trazido em diálogos com a professora e pesquisadora Maria Caramz Carlotto, que já frequentou o local algumas vezes. Com ela pude debater algumas ideias sobre como analisar o perfil daqueles que utilizam o espaço do restaurante e também pude ter acesso à alguns de seus textos sobre a mudança social que as universidades passam a viver através de políticas inclusivas no ensino superior. Essa noção temporal e histórica me ajudou muito a trabalhar o olhar em relação ao campo que estava observando, pois houve abertura através da política para que a diversidade de perfis humanos pudesse ter acesso ao restaurante universitário (RU), o que acabou tendo influência direta nas observações feitas, pois o objeto estudado possuía um leque muito grande de pessoas a serem analisadas.

O restaurante foi construído para atender demandas voltadas para alimentação com um custo baixo com intuito de torná-lo acessível para a maior parte da comunidade universitária. A partir desse fator há uma limitação na interação social que faz parte do campo estudado.

A dúvida trabalhada neste relato etnográfico parte da tentativa de entender como a construção do restaurante universitário, como um projeto com critérios extremamente

objetivos, transita ou se transforma num espaço que permite diversas interações sociais e torna-se um espaço de socialização de acordo com a ocupação que vai ocorrendo. O campo, que possui uma forma retangular, capaz de receber algumas centenas de pessoas em poucas horas, abriga diversas necessidades que vão se expressando conforme as observações foram sendo feitas, sempre com o caderno etnográfico do lado para absorver o máximo possível de percepções sobre o que realmente acontece dentro do restaurante.

Pode-se notar que alimentação não é o único objetivo atendido pelo espaço, pois a vida humana necessita atender também os aspectos subjetivos. Esses aspectos podem incluir a presença de amigos de sala compartilhando experiências vividas durante a rotina das atividades dentro das paredes das salas de aula e laboratórios, compartilhar ideias com outros indivíduos sobre suas próprias vidas, até mesmo ser o lugar para se ter privacidade para comer sozinho ou simplesmente atender necessidades práticas de poder se alimentar próximo do local de trabalho evitando deslocamentos muito grandes.

### **Sobre o Campo**

O restaurante universitário localizado no campus de São Bernardo do Campo é um reflexo do projeto que se vê no resto da arquitetura e das concepções políticas da universidade como um todo. O RU (abreviação de Restaurante Universitário, que se tornou apelido do local) tem um formato composto de formas praticamente quadradas ou retangulares, dentro de uma arquitetura organizada com retas milimetricamente estabelecidas, que faz com que cada área seja rigorosamente definida para incorporar o critério objetivo de fornecer alimentação. Esse projeto transmite a impressão de excluir subjetividade que faz com que não possam ser vistas curvas ou estruturas mais flexíveis capazes de compor uma realidade mais ampla e menos engessada. Assim como todos os outros prédios, literalmente, o restaurante se encaixa como uma área de alimentação dentro de um projeto muito claro de desenvolvimento científico e docência.

Localizado logo em frente ao ponto dos fretados e ao lado esquerdo das escadas que levam ao nível onde todos os prédios se localizam, é possível ver o local como um dos primeiros espaços da comunidade acadêmica em si. Ao seguir com a descrição pude perceber que a posição do restaurante fica em um ponto importante onde aqueles que precisam ir embora com as linhas de ônibus, chamados de fretados, ou que acabaram de chegar na universidade através deles podem rapidamente se mover para ir jantar ou almoçar sem a necessidade de atravessar o campus inteiro e comprometer suas outras atividades, como suas

aulas por exemplo. Porém, dentro e fora dele ocorrem realidades a partir do projeto arquitetônico, pois as longas mesas (marcadas com número 9 no desenho abaixo) permitem que grandes grupos sentem juntos, principalmente de alunos ingressantes na universidade que aproveitam essa área para se conhecer melhor e formar novas amizades.

Esses grupos, junto ao conjunto de frequentadores do RU, realizam a sequência de ações de guardar lugar em alguma mesa para depois irem montar o seu prato no *self-service*, passando pela refeição principal que varia de acordo com os dias da semana, buscam sucos nas máquinas e voltam às grandes mesas nas quais deixaram suas mochilas.

Porém, mesmo com a organização das mesas unindo grupos de alunos, ocorrem dificuldades de interação, pois a maximização do espaço para permitir que mais pessoas possam se alimentar limita o campo para quem não se deslocou até o local sem a intenção de realizar uma refeição. Um sinal claro disso é a presença de catracas que impedem a circulação de indivíduos que podem querer usar as mesas do lugar para realizar outros tipos de atividades, como estudar por exemplo.

Essas circunstâncias são limitadas pela compra do crédito alimentar que libera a entrada eletronicamente. A saída do ambiente é pelo mesmo local de entrada pois a outra porta sempre esteve trancada, criando esse percurso frequentado pelos mais diversos perfis de pessoas em que em certos momentos quase se chocam quando filas se formam dentro, nos carrinhos de *self-service*, e fora, quando ocorre a recarga das carteirinhas para atravessar as catracas do restaurante.

### **A relação com o espaço**

As técnicas adotadas para verificar a relação entre indivíduos e o ambiente físico focaram-se principalmente em anotações feitas no caderno etnográfico durante a observação do campo e em entrevistas com alguns frequentadores, que no caso foram com a estudante de relações internacionais Juliana Tenório, com um professor do bacharelado em Relações Internacionais (BRI) e conversas informais e muito pontuais realizadas com outros frequentadores.

Esse apoio permitiu ao relato etnográfico uma configuração mais ampla, junto com a análise de José Guilherme Cantor Magnani que comenta sobre a orientação antropológica dentro dos ambientes urbanos, fazendo-me entender as visões sobre o estilo de vida que surgem dentro dos ambientes das metrópoles e sobre a própria etnografia. Com isso em mente, o desenvolvimento das ideias sobre a realidade que observava se transformavam, pois

me deparava com um ambiente cada vez mais rico, que expressava relação direta com o rumo e história das políticas adotadas em nível nacional. Em um espaço ao alcance das minhas mãos fazendo o RU se tornar um espaço para a socialização por ter demandas sociais presentes que vão além do aspecto de saciar a fome.

Se incorpora dentro da UFABC uma diversidade de grupos humanos em que se pode ver muitas diferenças de origens e classes. Em primeiro momento estabeleci visitas sentindo-me intimidado pelo fato de atrair atenção daqueles presentes no local. As visitas no período da jantar eram mais interessantes, as diferenças eram mais visíveis sobre aqueles que estavam se alimentando e assim o uso do caderno se tornava mais fácil.

### **RU durante o período do jantar**

O período noturno, através das observações, permitiu estabelecer um olhar em alunos em diferentes ritmos de vida. Havia aqueles com pressa e outros que se alimentavam muito tranquilamente, sendo assim, dois comportamentos visivelmente comuns durante as visitas ao RU. Pude notar em certos alunos a influência que o trabalho/estágio e os problemas com transporte até o campus da universidade possuem sobre a frequência no restaurante, porque faz com que cheguem no campus perto das 19:00 e isso torna o processo de jantar muito acelerado ou inexistente. Essas condições tornam as cantinas espaços de alimentação e socialização mais intensos e atrativos, pois permitem lanches rápidos e a estrutura mais aberta permite deslocamento entre grupos de indivíduos para conversas e encontros e isso preenche as demandas sociais e alimentares individuais.

O período entre 18:30 e 19:00 no RU, dessa forma, é ocupado por pessoas em estado emocional mais tranquilo durante seu jantar e ainda aproveitam a possibilidade para responder conversas no celular, realizar chamadas, ouvir músicas sendo uma das atividades mais realizadas durante esse momento quando cerca de 9 pessoas das 30 comendo no local estavam usando seus fones de ouvido.

Durante as refeições realizadas entre as 11:00 e 14:30 a mudança do perfil dos estudantes é vista a partir da quantidade de alunos no restaurante, principalmente a partir das 11:50 quando a maioria do corpo docente termina as atividades da manhã e quando a quantidade praticamente triplica, atingindo uma diferença visível. No espaço que havia 50 pessoas às 11:30, havia 150 pessoas após às 12:00.

Como a entrevista com Juliana define “o fato de ter aula de manhã ajuda bastante porque você só fica, você não tem que chegar mais cedo para ir no RU”, portanto o

comportamento se altera permitindo a organização de grupos na entrada do local principalmente composto de alunos ingressantes ou que estão entre o primeiro e o segundo ano de curso. Devido à questão de abrir um espaço de tempo entre as atividades da tarde e aquelas da manhã surge um momento para descontração. No período do almoço a ocupação das mesas é praticamente organizada de forma muito distribuída pela quantidade maior de pessoas enquanto no período da noite a proximidade com o fundo do restaurante para permitir uma saída mais rápida do local. Mas é possível notar que muitos alunos permanecem nas mesas conversando quando em grupos de mais de 5 pessoas em ambos os horários.

É interessante notar que, além de alunos que estão tendo momentos mais tranquilos se alimentando na noite e muitas pessoas em grupo na manhã, que conversam intensamente sobre o cotidiano, a comida do RU, discussões acaloradas sobre a forma como o peixe foi servido; há uma diversidade de outras pessoas que ocupam o campo, como Técnicos Administrativos que jantam após o expediente devido ao custo da refeição ser mais barato e a praticidade de se deslocar pouco do local de trabalho. Professores com uma presença menor, mas ainda compondo parte do panorama geral de frequentadores.

Há muitos alunos que escolhem comer sozinhos, pessoas como Juliana, que declara “eu mais noto pessoas que estão no mesmo estilo que eu, gente comendo sozinha! Sempre escolhe o cantinho, que assim não vai atrapalhar ninguém”. Sendo esse um grupo de alunos que preferem ter momentos de privacidade na hora da refeição, temos alunos que acessam o RU pelo preço baixo por refeição e os alunos que trabalham/estagiam e preferem jantar no restaurante pela questão do preço também. Este último grupo ajuda a contrastar com a ideia dos anos 1950 que o local era apenas frequentado por alunos de classe média alta que não viam o restaurante universitário como uma necessidade para suprir suas demandas financeiras, principalmente.

Nas palavras do professor entrevistado “o principal motivo para eu comer no RU é a praticidade, ou seja, eu não preciso sair da universidade! Já como aqui”, acrescentando a isso na discussão sobre o espaço e a função principal do RU é de atender primeiramente as demandas básicas de forma satisfatória, podendo permitir interações sociais e atender diversas necessidades sociais de interação social por consequência depois “Eu acho o tempero deles ruim, mas fora isso é uma comida decente, boa, barata”, que são os objetivos fundamentais cumpridos apesar do valor ser acima da média nacional.

As conclusões tiradas da observação e entrevistas sobre o RU permitem estabelecer pontos importantes que partem da questão dos processos de socialização decorrentes dos

espaços coletivos, que possuem influência sobre o desenvolvimento das relações da vida humana no campo estudado do Restaurante Universitário, por consequência.

A identidade de quem ocupa o campo é muito diversa e repercute as várias realidades inseridas no mesmo espaço pelas políticas afirmativas que a universidade vem adotando conforme os anos avançam, e produz um quadro com indivíduos de várias realidades diferentes onde passam a se encontrar, e produziram em mim a percepção sobre o que forma a identidade que molda a existência do restaurante universitário onde ela transita entre ser e não ser um espaço para socialização, mas que também pode tornar-se.

É visto que o objetivo inicial de promover atendimento básico de alimentação cria possibilidades também de novas formas de uso do espaço para preencher outras demandas sociais mais sutis e subjetivas, porém como estes aspectos não fazem parte do projeto inicial ocorre que o RU passa a dificultar as interações também.

Apesar disso, a transição entre a relação objetiva com o restaurante de suprir a alimentação e aquela subjetiva de atender as demandas psicológicas e sociais também se manifestam criando hábitos, posturas, visões sobre o que é fazer parte de uma comunidade universitária e uma relação comum sobre o cotidiano fora do restaurante mas que se expressa dentro dele mostram um pouco da identidade fruto da realidade que a UFABC desenvolve.

O Restaurante Universitário se mostrou um lugar dinâmico em relação à suas funções, apesar da sua estrutura quadrada e rígida onde aquele que o frequenta adapta o uso à sua realidade pessoal.

**Referências Bibliográficas**

BOGDAN. Roberto C; BIKLEN. Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação.** Portugal: Porto Editora, 1994.

MAGNANI. J, G, C. **A antropologia urbana e os desafios da metrópole.** São Paulo. 2003.